O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Mánuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 34.º Sábado, 2 de Agosto de 1941 **N.º 1692**

VISADO PELA CENSURA

Aqui é Portugal!

E' incansável e meritória a actividade política e nacional, no seu plano superior, do govêrno do Estado Novo.

A paz que felizmente todos disfrutamos não é sem sacrifícios, sem inquietações e sem um intensivo labor diplomático, que se tem conseguido.

A viagem do sr. Presidente da República ao arquipélago dos Açores é, decerto, mais um acto político de notável relêvo a juntar a tantos outros e que tem, por finalidade, fortalecer a unidade do império português.

Aqui é Portugal! — foi uma das expressões vibrantes e fervorosas de amôr à pátria e de amôr a todos os portugueses das ilhas, que o sr. General Carmona proferiu no meio de clamorosas e entusiásticas aclamações.

O ilustre e digníssimo Chefe do Estado interpretou, assim, perfeitamente, em frase simples e comovida, a que não é estranho alto significado nacional e beleza patriótica, a voz imortal da raça e o mandato eterno dos nossos antepassados, que lançaram com o seu heroismo e o seu sangue, os fundamentos do grande império português.

«Aconteça o que acontecer, os açoreanos são portuguêses de sempre e para sempre» — exclamou com acentuada vibração nacionalista o governador de Ponta Delgada. Palavras ardentes em que se traduzem, simultaneamente, os perigos da hora presente e o solenissimo acto de fé, de juramento e de fidelidade à soberania e à integridade de Portugal.

A viagem presidencial neste momento conturbado da Europa e do mundo, é outra página gloriosíssima que o Portugal eterno e que o Portugal contemporâneo ficam devendo a dois grandes chefes, que, interpretando bem a sua alta função social, continuam o pensamento, a fé e o património espiritual dos mortos e da história.

E' preciso não esquecer que os Açores desempenharam na magnífica epopeia da descoberta e da colonização portuguesa, um lugar muito característico e especial.

Foi por ali, àquelas portas do Atlantico, que os portugueses iniciaram a vida dolorosa, heroica e gloriosa da descoberta das rotas marítimas para todos os continentes do mundo.

As ilhas estavam desertas. Foi com casais lusitanos, transportados da metrópole, que se começou a grande emprêsa da colonização portuguesa. Por êsse motivo, ocupam um lugar de honra, no larário da pátria e da história nacional.

J. Carreira

Liceu de José Estêvão

Devido à colaboração que êste estabelecimento de ensino deu ao Gabinete dos Serviços de Intercâmbio Escolar da Sociedade de Geografia, de Lisboa, para a orguização da I Exposição Geral de Lavores e Trabalhos Manuais Educativos, realizada no nosso país por ocasião da Semana das Colónias, foi-lhe conferida uma *Menção Honrosa*, o que nos apraz registar.

Sabemos que a representação do nosso Liceu na referida Exposição era qualquer coisa de notável.

O TEMPO

Isto é verão? Vento frio, ao sol, em fins de Julho? E chuva!

Como tudo anda mudado!

Novo consultório

Temos em Aveiro mais um médico, especialisado em cirurgia—o sr. dr. Nogueira de Lemos, oriundo duma família distintissima de Alquerubim, da qual usa o nome. Cumprimentamo-lo. A cidade só se honra com o tê-la escolhido para o desempenho da sua profissão e por isso oxalá seja duradoura a sua permanencia entre nós.

SORTEIOS

O sr. Ministro do Interior proïbiu todos os que eram regulados pela lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Lá teve as suas razões.

NA TERRA AMADA

Os cabouqueiros da Imprensa de Aveiro recebidos com requintada galhardia

OS REPRESENTANTES DA IMPRENSA DE AVEIRO E VIANA NO MONTE DE SANTA LUZIA

Viana—a linda, encantadora e ridente cidade do Minho—voltou a abrir-nos os braços, no sábado, por forma a radicar ainda um maior afecto dos aveirenses — se isso é possível.

Partimos daqui no combóio das 14 horas, chegando lá por volta das 21, devido à demora no Porto. O trajecto pelo caminho de ferro, para além desta cidade, é tudo quanto existe de mais variado e pitoresco. Há muito que lhe não dávamos a preferência, motivando, êsse facto, maiores sensações perante o que a Natureza nos oferece de belo, de empolgante, de magestoso. Na *gare*, carinhosa recepção por parte dos nossos colegas. Depois o jantar no típico restaurante da Zéfa Carqueja, lá para as bandas da Ribeira, constando dum *menu* puramente regional, e o café, para a sossega, no *Girasol*.

Era já noite fechada quando, numa confortável camionete, chegamos a Santa Marta onde tem lugar o arraial minhoto. No espaço estralejam foguetes e o Rancho das Lavradeiras, assim como um grupo do Carrêço, em que abundam as cachopas guapas e sedutoras das duas terras, recebem-nos nas palminhas, isto é, com estrepitosas salvas de palmas. Entrando na Casa do Povo da freguezia, o sr. dr. Sousa Gomes, que, pelo visto, é o animador de tôdas as festas, dirige uma saüdação aos visitantes, agradecendo-lhe o dr. Alberto Souto a cativante amabilidade e a quantos com ele colaboram, a sua presença.

O arraial efectuou-se no jardim do sr. Artur Maciel, profusamente iluminado e com lindíssimos efeitos de luz. Ali se dançou e cantou animadamente até tarde, sendo os grupos calorosamente aplaudidos.

A manhã de domingo passou-se nas visitas à Casa da Praça, onde o sr. cónego Gonçalves Pires, seu proprietário, nos recebeu com a maior gentileza, oferecendo vinho do Porto, que serve de pretexto para dirigir aos representantes da imprensa das duas cidades algumas palavras num brinde elegante, de fino recorte literário, correspondido pelo dr. Alberto Souto, e a residência do sr. Manuel Espregueira de Oliveira, dois autênticos museus de arte antiga cujo recheio, de altíssimo valor, quer em móveis, quer em faianças, faz a admiração de todos. Por fim vamos à Congregação e Hospital de Velhos e Entrevados de N. S. da Caridade, instituïção modelar, no género, que já conhecíamos através os altos benefícios prestados. Viana orgulha-se, e com razão, de possuir êste hospício, verdadeiro espelho das límpidas almas que o fundaram e no qual os srs. António Gonçalves da Silva Carvalho, Anibal Galeão, António Fonseca, José de Melo e Alberto Valença têm uma parte apreciável como dirigentes e orientadores. Que pena a escacez do espaço não nos permitir pô-la mais em evidência! São tão raras as dedicações desta natureza! Tão raras, tão invulgares, tão pouco vistas! Mas deixemos isso. Adiante. Aproximam-se as horas do almôço. No elevador subimos ao Monte de Santa Luzia porque é lá que êle se realiza à sombra do arvoredo dos jardins do Grande Hotel. Meza posta. Tomam-se os lugares. Dá o exemplo o sr. dr. João da Rocha Páris, presidente da Câmara e director do *Notícias de Viana*. A' direita o dr. Alberto Souto; à esquerda o director do *Democrata*. Em volta Bernardo Silva, da *Aurora do Lima*, do *Jornal de Notícias* e do *Comércio do Porto*; Manuel Couto Viana, redactor do *Notícias de Viana*; Severino Costa, do *Século*; Alberto Couto, do *Diário de Notícias*; Simões Viana, da *República*; tenente Ornelas Monteiro, do *Diário da Manhã*; António Cândido da Costa, da *Voz*; Felipe Fernandes, das *Novidades*; padre Daniel Machado, do *Santa Luzia*; Miguel Lemos, do *Primeiro de Janeiro*; Pompeu Alvarenga, Aurélio Costa, Morais Calado, Eduardo Cerqueira, Alexandre dos Prazeres Rodrigues, Lucílio Garcia, Décio Cerqueira e os distintos *reporters* fotográficos Alexandre Gigante e Henrique Ramos.

A *ementa* é servida por moças graciosas em trajos garridos sôbre as quais insidem, desde logo, os olhares cubiçosos dos comensais. Deliciosa tarde! Larga, vastíssima paizagem a emoldurar o recinto. O mar, a serra, o campo—tudo iluminado por um sol brilhante, vivificador. Foram aqui os melhores momentos de confraternização. Na devida altura, os brindes. Começaram pelo sr. padre Daniel Machado, o mais novo dos convivas. Descreveu o ambiente em que todos nos achavamos reünidos, falou da amizade de Aveiro e Viana, ergueu um hino às duas cidades e concluiu dizendo da sua satisfação por se encontrar em tão boa camaradagem.

Segue-se Pompeu Alvarenga:

«Mais um ano! E que contraste! Como êle passou rápido na ampulhêta do tempo e como demorou tanto para satisfazer o desejo que tinhamos de voltar a abraçar amigos tão queridos! E por quantos ainda teremos a ventura de nos reunirmos, apertando cada vez mais a cadeia de amizade, que já de longe vem, cadeia em que a personalidade de cada um de nós representa um élo tão forte que será difícil de quebrar? Como são agradáveis e se tornam saüdosos êstes momentos, em que uma boa camaradagem, sincera e desinteressada, criada pela simpatia, mantida pelo afecto, sustentada pelo coração, hoje de novo aqui nos junta, fazendo-nos esquecer as agruras da vida que passa, os dias horripilantemente sombrios que a humanidade atravessa e a esfíngica incógnita que o futuro nos reserva!

Há algumas horas chegámos e em breve partiremos. Rôstos amigos nos esperavam, sorrisos de simpatia nos acolheram, braços abertos nos enlaçaram em fraternal amplexo, leais corações bateram junto dos nossos, no mesmo comovido e acelarado ritmo que só podem sentir aqueles que, alguma vez, apertaram ao peito pessoas de família muito amadas, depois de prolongada ausência.

Ao pisar mais uma vez a vossa linda terra, á qual nós, aveirenses, queremos tanto como se a nossa fôsse, sentimos bem que o vosso acolhimento está muito acima da simples cortesia, em que a nota da amizade não vibra e as pessoas depressa se esquecem, pois a vossa gentileza, ao receber-nos, tem sido tão grande, que magôa a nossa sensibilidade e ultrapassa muito por alto (e tão pouco era preciso) a maneira como recebemos as vossas visitas.

Os agradecimentos já não são cabidos entre nós; nem eu, nem os meus camaradas aveirenses—em nome de quem falo— queremos apoucar esta cordealidade de relações, dirigindo-vos frases de agradecimento, embora nêste caso muito merecidas, mas que àmanhã, isto é, daqui a um ano, teríamos de ouvir da vossa bôca, e, naturalmente, sem a razão que hoje nos assiste.

Homens como nós, unidos pela amizade, trabalhando no mesmo campo, uns com a prática e conhecimentos adquiridos durante largos anos de vida jornalística, outros com o seu saber e inteligência há muito comprovados em artigos brilhantíssimos, e ainda outros, como eu, simples colaboradores acidentais nessa magnífica e inegualável obra que se chama Imprensa, mas todos unânimes no mesmo fim patriótico de trabalhar a bem da Nação, com idênticos sentimentos bairristas, pugnando, cada um de per si e todos em conjunto, pelas prosperidades das suas terras, propagando as suas belezas, salientando os seus progressos, mostrando as suas actividades, defendendo os seus interesses, dignificando os seus homens, recolhendo alvitres, apontando ideas, homens como nós, repito, devemos sentir-nos orgulhosos da nossa comunhão de sentimentos, da nossa amizade indestrutível, do exemplo que damos de união, de camaradagem e do dever cumprido perante as nossas terras irmãs, e isso nos deve bastar como agradecimento, e muito grande, destas visitas, nas quais retemperamos o espírito e enchemos o coração.

Quási nêste mesmo lugar e há poucos dias ainda, ouvi eu trocarem-se as mais efusivas saüdações entre vianenses e aveirenses. Destacarei algumas palavras pronunciadas nessa ocasião pelo sr. dr. João da Rocha Páris, pessoa que a minha terra considera como um dos seus bons amigos, espírito de *élite*, fidalgo nato, no aprumo e no trato, cavalheiro na mais ampla acepção da palavra, enérgico e activo, bom compreendedor e melhor realizador, que vós, vianenses, tendes a felicidade de ter e o dever de manter à frente do município, palavras que calaram profundamente no coração dos meus conterrâneos presentes: *As visitas dos aveirenses são, para nós, vianenses, alguma coisa de mais elevado e espiritual do que as anónimas excursões que vulgarmente nos visitam em camionetes, a muitas das quais desejamos ver partir o mais depressa possível.* Estas palavras ditas por pessoa de tão elevada categoria social no meio vianense, não podem ser tomadas senão no sentido favorável que para nós exprimem; e como da sua sinceridade não nos é licito duvidar, tantas são as provas que nos têm sido dadas, cumpre-nos a nós, aveirenses, retribuir tais sentimentos, obrigando-nos a fazer sempre o possível por os igualar, visto que não os podemos exceder».

Termina por saüdar a imprensa portugueza, em geral, e designadamente a representada pelos colegas vianenses, saüdação que estende a êles próprios, às suas famílias e à linda e acolhedora terra de Viana do Castelo.

Falaram ainda o director dêste jornal, o sr. dr. João da Rocha Páris e dr. Alberto Souto, e porque se aproximava a hora do regresso, inicia-se a marcha para a estação, onde se fazem as despedidas e se formulam votos pela comparência de todos à reünião de 1942, em Aveiro.

* * *

O sr. padre Abílio Reis Lima, director do jornal *O Apostolado*, de Luanda, e que se encontra no Gerez, enviou a Bernardo Silva o seguinte telegrama, que foi lido, muito sensibilizando os aveirenses:

Peço o favor de apresentar aos colegas da Imprensa de Aveiro respeitosas saüdações. Faço votos pela eterna amizade entre as duas encantadoras cidades, afectuosamente consorciadas por afinidades étnicas e beijos do mar, que parecem noivos em perpétua lua de mel.

Por engano

O tesoureiro da Agência do Banco de Portugal deu, há dias, ao efectuar um pagamento, 3.600$00 a mais.

Apela-se para a consciência de quem os recebeu indevidamente, pois a todos custa a vida.

Cartas a uma amiga de longe

Julho, 1941

Minha querida:

As *raposas* desceram às cidades e, matreiras e ladinas, têm feito mortandades e chacinas, lamentáveis.

Que abundância, que abundância, Santo Deus! Há-as para todos os gôstos e tamanhos — ou pequenos raposinhos de palmo e meio, ou daquelas lindas, ricas e longas raposas *argentées*...

Mas deixemos os gracejos, nós que já há anos estamos longe das ameaças dêsse bichinho impertinente, que nêste Julho quente e trabalhoso, tanto atormenta os estudantes.

São aterradoras as pautas afixadas nos liceus, com os resultados dos exames! O *R* está em tal profusão que, visto a distância, parece tudo envolver... Na verdade, foi raro o aluno que não teve um. No 7.º ano foi a matemática que levou a terra quási tôda a gente e se até agora esta cadeira tem sido o terror da estudantada, pelas suas dificuldades e subtilezas, daqui por diante será ainda pior. Ainda me lembro da embirra que lhe tinha e de que ela foi também, no sexto e no sétimo ano, a minha sombra negra.

Mas de quem será a culpa? Dos alunos, por estudarem menos, ou dos professores por exigirem cada vez mais?

Havendo um ponto único, feito com critério, por professores da especialidade e que está dentro da matéria do programa, é bem extraordinário que os alunos, na sua grande maioria e em todos os liceus do país, o não tenham sabido resolver! E' caso para afirmar que a futura geração portuguesa é de raciocínio lento e incapaz de resolver cálculos matemáticos.

Isto é bem grave nos tempos que vão correndo... Lembrar-se a gente que é dentro das quatro paredes dum gabinete, com lápis, papel e números que as finanças giram e os exércitos se deslocam...

Rapazes e raparigas: estudem, por favor, para ver se conseguem... perceber os mestres.

Um abraço da

Zèmi

ENTRE AVEIRO E GAIA

O comboio de mercadorias, cuja passagem por esta cidade está marcada às 10 h. e 37 m., também é destinado, agora, a passageiros, parando, apenas, em Estarreja, Espinho, e Gaia, onde chega às 12,48. Isto quando não erra a tabela, atrazando uma e duas horas, excepto às segundas-feiras... em que não se efectua.

Só por troça.

Ponte do Paredão

Começou a demolir-se, na Barra, fazendo parte dum projecto de obras que ali vão realizar-se e oxalá sirvam para dar à praia maior valôr.

E animação.

BOM NEGOCIO

O ministro inglês da alimentação fechou, recentemente, com a industria conserveira portuguesa, o maior contrato de sardinha de que reza a história comercial dos dois países—nada menos de 150 milhões de latas irão de Portugal abastecer o Reino Unido! —eis a notícia transmitida de Londres no dia 29 de Julho.

E o mar estará pelos ajustos?...

Festas na Figueira da Foz

Organizado pelo conhecido escritor figueirense dr. Ernesto Tomé, e sob o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo, vai realizar-se na elegante estância de veraneio, àmanhã, um luzido cortejo que, decerto, pelo seu inédito, atrairá numerosa multidão.

Vão aparecer nêle, em brilhante evocação, tipos e tradições da cidade, perdidas já na poeira dos anos, logo seguidas pelos que melhor lhes correspondem nos nossos dias.

Nêsse reviver cheio de colorido de vélhos costumes e de perdidas figuras em confronto com as de hoje, desfilarão os antigos bombeiros, com os seus carros puxados a braço, e os actuais com as viaturas reluzentes; um casamento local do século passado em contraste com um casamento *ano de 1941*; os tintureiros, irisados pela policromia das côres das peças de roupa tingida; o *ferro-vélho* o *andador das almas*, o *burriqueiro*, o *viv'á sesta*, os *Autos Pastoris* e os *Reis Magos*, tão característicos da Figueira, a sua antiga milícia, os ranchos, o *caga-lume*, peraltas e sécias, gente do povo, o *badalo*, o Juiz de Lavos e a senhora, os alcaides de vara, mercadores, vendedeiras e sardinheiras, zeladores, cadeira de doente rico, as *cavalhadas* que fizeram furor pelo S. João doutros tempos e bandas de música.

A curiosa parada da linda foz do Mondêgo deve resultar, pois, pelo seu cunho etnográfico, um espectáculo capaz de impressionar agradávelmente quantos se desloquem para o gosar.

«Recreio Artístico»

Nesta agremiação realiza-se uma *soirée*, no dia 9 do corrente, e um concurso de penteados entre as tricacanas que nela tomarem parte.

Agradecemos o convite.

Excursão do Pôrto

Sempre se realizou no preterito domingo a excursão a que nos referimos faz hoje oito dias.

Foi um passeio de estudo em que houve ensejo de ouvir os ensinamentos, sempre valiosos, do sr. dr. Pedro Vitorino, que era um dos excursionistas, e, ao mesmo tempo, uma digressão turística que aos ilustres visitantes proporcionou o conhecimento dos encantos da região.

Na cidade viram os monumentos e templos dignos de nota, o Museu e o Parque Municipal e estiveram no cimo da ponte de S. Gonçalo.

Foram ao Forte e às praias do Farol e Costa Nova.

Na lancha da Junta Autónoma deram uma volta pela ria, visitando o Centro de Aviação e seguindo para o norte de S. Jacinto, embarcados, até às proximidades da Casa da Mata.

Tomaram o pequeno almôço no *Arcada-Hotel*, saboreando, mais tarde, um almôço regional.

Estiveram na Vista-Alegre e Ílhavo, visitando aqui o seu interessante Museu.

De regresso a Aveiro, foram recebidos, com flores, no *Club dos Galitos*, onde fizeram as suas despedidas à nossa terra, e em cuja bandeira a sr.ª D. Laura Costa colocou um formoso laço de fitas, verde, vermelho e branco—as côres do Pôrto e de Aveiro—com os escudos das duas cidades e o emblema do Club, delicadamente pintados pela gentil e ilustre artista.

O Club dispensou aos seus hóspedes as atenções de que eram dignos, trocando-se saudações afectuosas, e, para remate, foi cantado, por um grupo de tricaninhas, o *Môlho de Escabeche*, número da revista dêste nome.

De ali tomaram o rumo de Águeda, passando, ao cair da tarde, pelo alto da ladeira de Travassô, ainda a tempo de apreciarem o belo panorama que se disfruta da *Varanda de Pilatos*.

Na mencionada vila terminou a jornada, recebendo os excursionistas, à partida, cumprimentos dos srs. drs. Melo Freitas e Augusto Cunha, presidentes da Assembleia Geral e da Direcção do *Club dos Galitos*.

O Democrata, congratulando-se com a visita dos distintos portuenses, muito estima que desta cidade tivessem levado as melhores impressões.

Festas Saletinas

Oliveira de Azemeis prepara-se para realizar as suas festas anuais em honra de N.ª S.ª de La Salette, que terão lugar nos dias 9, 10 e 11 com o concurso das bandas de S. Tiago, Barão de S. João de Loureiro e militar de Infantaria 6. Veem de longe estas festas, de muito longe, mesmo, e costumam marcar pela imponência de que são revestidas. Durante elas haverá um serviço especial de comboios a preços reduzidos.

NÃO HÁ DESEMPRÊGO EM INGLATERRA

E' natural que em tempo de guerra não haja desemprêgo. E' tal a necessidade de braços para todos os misteres, que difícil seria não haver trabalho para quem pode e precisa trabalhar; mas o que é mais importante é estarem em estudo planos para que depois da guerra continue o mesmo estado de coisas, isto é, que o grande êrro de depois da Grande Guerra se não repita e que abandonado que seja o trabalho da guerra todos encontrem onde aplicar a sua actividade.

E' o ministro, sem pasta, Mr. Arthur Greenwood quem se tem aplicado a estes estudos, que todos esperam sejam coroados de êxito.

(Britanova)

Varandas floridas

Lembramos—voltamos a lembrar—aos habitantes de Aveiro a conveniência de concorrerem, também, para o seu aformoseamento, colocando, nas suas varandas, vasos com sardinheiras. São tão lindas essas flores e tão variadas! E dão às ruas um aspecto de alegria tão sugestivo, que entendemos dever insistir, tanto mais que é uma ornamentação barata e de pouco trabalho.

Há terras que têm mudado, quási, a sua fisionomia mercê do interêsse de quantos as habitam. Porque não há-de acontecer o mesmo a Aveiro, acompanhando o progresso com demonstrações de bom gosto, como esta que indicâmos?

Nova farmacêutica

Concluiu a sua licenceatura na Faculdade de Farmacia da Universidade do Porto a sr.ª dr.ª D. Aida de Melo e Brito, que durante os estudos obteve as mais altas classificações e a quem, por isso, foi conferido um honroso prémio pelo Instituto Francês.

Dando esta notícia, avaliamos o imenso e justificado contentamento de que devem estar possuidos os pais da nova farmacêutica, o nosso amigo António Constantino de Brito e sua esposa, bem como o avô, o sr. Francisco Correia de Sá e Melo, de Alquerubim, a quem endereçamos sinceras felicitações.

Sabemos que a distinta senhora ainda nas suas provas finais apresentou um trabalho elaborado com rara inteligência, pelo que o seu passado académico faz prever uma carreira das mais brilhantes. Parabens, portanto, lhe dirigimos com os votos de que na vida profissional, a que se vai dedicar, colha iguais triunfos.

Visitai o Parque da Cidade

Escolas primárias

O Govêrno vai mandar construir no continente e ilhas adjacentes 8.240 edificios escolares, com 12.500 salas de aula, compartilhando o distrito de Aveiro duma parte apreciável.

Bem precisa. A começar pela cidade.

As barracas das praias

Acaba de ser determinado que as barracas e toldos das prais portuguesas obedeçam a uma só côr.

Porquê?

A senhora Micas é que sabe...

Comércio local

Na Rua Mendes Leite abriu, no último sábado, um novo estabelecimento para venda de máquinas de escrever, rádios, vinhos licorosos e comuns engarrafados, espumantes, lotaria, tabacos, flôres, etc..

Denomina-se *Agência Aveirense de Representações* e tem anexado um *bar* que se destina ao fornecimento de *lunch*, spara o que tem horas próprias e um serviço de especialidades para o fim a que se destina.

Está montado com asseio, honrando, por isso, a terra.

O turismo e o bom gôsto

Um dos problemas que urge resolver para que se possa falar de turismo em Portugal, é, indubitàvelmente, o do bom gôsto. Nada há que mais afaste o viajante do que um hotel, um caminho, ou local, onde imperem, como deuses malfazejos, o feio, o desajeitado, o ridículo, o fóra de moda, que são ainda, tantas vezes, características da nossa paisagem e dos nossos costumes. Com o objectivo de transformar êsse estado de coisas, o S. P. N., desde que para êle transitaram os serviços de turismo, tem envidado os seus melhores esforços. Filiam-se, nessa campanha de defesa e estímulo do bom gôsto, as visitas periódicas aos nossos hoteis e pensões, a construção de várias pousadas, a bela estalagem do Lidador, em Obidos, os conselhos aos hoteleiros reünidos numa interessante cartilha, e várias outras iniciativas.

Sem bom gôsto, com fitinhas inverosímeis nas jarras, com quartos impossíveis e criados de indumentária lamentável, não há turismo possível. E' essa base, da maior importância, que o S. P. N. vem, com a sua acção insistente, procurando estabelecer.

Não cuspa no chão

Nenhum aveirense se deve esquecer da propaganda do seu ARCADA-HOTEL.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 25 de Julho, a menina Judith da Conceição de Oliveira Rodrigues, filha do sr. Luís Manuel Rodrigues, residente em Lisboa; hoje, fazem, a sr.ª D. Maria Dionísia da Silva Freire Gonçalves, esposa do sr. dr. Vitor Gonçalves, jornalista do Primeiro de Janeiro, do Pôrto, e o sr. Agostinho de Sousa, professor de Ensino Técnico na capital; àmanhã, a sr.ª D. Maria do Ceu Cunha, esposa do sr. José Luís de Oliveira, residente em Sernancelhe, e o sr. Manuel Alberto Moreira, filho da sr.ª D. Ilda de Melo Moreira; no dia 5, a sr.ª D. Julia de Lemos Marques, esposa do nosso amigo Jorge Marques, residente em Esgueira, e em 7, a sr.ª D. Rosa de Pinho Gilvaz Magalhães, ausente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e o sr. Benjamim Ferreira Fidalgo, do Centro Comercial de Aveiro, L.da.

Casamentos

Foi há dias pedida para o sr. José da Silva Freire, filho do sr. Dionísio Coelho da Silva, a tricaninha Maria da Natividade Ferreira, filha do sr. Domingos Vicente Ferreira.

A cerimónia realiza-se brevemente.

Partidas e Chegadas

A passar um mês de licença encontra-se em Aveiro o nosso conterrâneo Fernando Silva, escriturário da Direcção de Estradas do Distrito de Faro.

—Regressou da capital a sr.ª D. Conceição Aleluia, mãi dos nossos amigos Gervásio e Carlos Aleluia.

—Estiveram cá, a sr.ª D. Clotilde Cunha, da Curia; e os sr.s Benjamim da Costa Dias, nosso colega da Defeza de Espinho; Manuel Gouveia, residente em Coimbra e tenente Francisco António Wenceslau, de Cavalaria 9 (Chaves).

Praias e termas

Saiu para a Costa Nova, com sua familia, o sr. capitão Casimiro Marques.

—Regressou de Melgaço à sua Quinta da Boavista, suburbios da cidade, o nosso amigo António Madail.

—Está nas Termas do Carvalhal, com seu marido o sr. Olindo Vilela, a sr.ª D. Isabel de Almeida Marcos Vilela, ambos professores oficiais no concelho de Castro Daire.

—I-O-I—

Celebridade proveitosa

Um jornal britânico fez, há tempo, esta pregunta: «Qual é a indústria inglesa que produz milhões; que tem a sua séde central numa pequena cidade de menos de doze mil habitantes; que possue sucursais em todos os países europeus e que nunca figura nas estatísticas comerciais?» Ninguém acertou com a resposta e, contudo, não há inglês nenhum que não conheça tal indústria.

Trata-se de Shakespeare que, embora sejam passados três séculos depois da sua morte, está sendo um benemérito para os seus patrícios, constituindo para muitos dêles, uma inexgotável fonte de receita. Graças ao seu génio, um mundo infinito de actores, músicos, cenógrafos, críticos, decoradores, livreiros e professores encontra meio de ganhar a vida. A sua aldeia natal, Stratford-on-Avon, lucra bastante com o facto de ter sido seu berço, pois costumam acorrer ali cêrca de cem mil pessoas por ano a render homenagem ao genial poeta, que assim passou a ser também um rendoso motivo turístico.

A indústria shakespeareana apresenta-se em tôda a Inglaterra sob ilimitados aspectos, mas então em Stratford excede tudo quanto se possa imaginar. E' em garrafas de cerveja, na frontaria de garagens e de Bancos, em loiça, em calendários e saca-rolhas, em *bibelots* e ninharias de tôda a espécie, em tudo figura como ornamento a efígie de Shakespeare.

Citações extraídas das suas obras servem de bons réclamos, colocados apropriadamente junto dos objectos em exposição nas montras das lojas. Os hoteis também não ficam atrás. Num dêles, há campainhas com nomes de personagens das obras de Shakespeare. Outro *Shakespere-Hotel*, dá aos seus quartos e séries de aposentos, os nomes das peças do insigne dramaturgo: assim, um quarto é *Sonho duma noite de verão*; outro *Hamlet*; outro, *Romeu e Julieta*, etc., tendo gravada numa chapa, sôbre a porta, essa mesma inscrição, por baixo do respectivo número.

(Britanova)

Notícias militares

O pagamento do soldo dos oficiais de reserva, respeitante ao mês de Julho, efectua-se segunda-feira, das 14 às 16 horas, no Conselho Administrativo do Regimento de Cavalaria n.º 5.

Avisam-se os interessados.

Afogada num poço

No próximo lugar de Esgueira, onde ultimamente residia, foi vítima, terça-feira de tarde, dum desastre, morrendo afogada num poço, Zulmira do Rosário, filha de António dos Reis Júnior e de Maria de Jesus Veiga, na companhia de quem vivia. Era solteira, natural de Sangalhos e contava 18 anos, apenas.

A triste ocorrência causou ali grande emoção.

—I-O-I—

Exames

Em Lisboa fez exame de admissão ao liceu, com honrosa classificação, e obteve 13 valores no 1.º e 2.º anos de solfejo, no Conservatório, o filho Luís Fernando, do sr. Luís Manuel Rodrigues.

Parabens.

Correspondências

Verdemilho, 1

A morte inesperada de Abel Costa, que tanto se distinguiu como amador dramático, feriu em cheio êste lugar, para onde veio residir há anos, motivo por que o seu entêrro foi largamente concorrido.

Era um espírito folgazão e activo e foi um animador entusiasta do *Club Recreativo*, onde promoveu inúmeras diversões que lhe deram alma e o tornaram conhecido.

Que descanse em paz o bom amigo e a tôda a família endereçamos sentidas condolências.

—Também a semana passada se finou, com 84 anos, a sr.ª Henriqueta Farruca, que pouco tempo esteve doente.

Era viuva, sogra do activo negociante sr. Joaquim Ferreira Jorge e avó do estudante de medicina Joaquim Simões Ferreira Jorge.

O seu entêrro realizou-se para o cemitério do Outeirinho, incorporando-se nele numerosas pessoas.

A toda a família e especialmente ao genro da extinta, endereçamos condolências.

C.

Aradas, 1

Com toda a solenidade e revestindo o caracter intimo, efectuou-se, domingo, na nossa capela, o enlace matrimonial da sr.ª D. Crisanta do Amaral Rosa, professora nêste lugar e filha do comerciante sr. Alberto João Rosa, com o sr. dr. José Maria Soares Carinha e que há pouco concluia a sua licenciatura em Direito na Universidade de Lisboa.

Foi celebrante o rev.º Manuel José Costeira, da Murtosa, tendo servido de padrinhos a mãi da noiva, sr.ª D. Crisanta Ferreira do Amaral e o sr. José Carinha, pai do noivo.

Após a cerimónia foi servido, na vivenda dos pais da noiva, um fino *copo de água*, a que assistiram pessoas da maior intimidade dos conjuges. Estes partiram, depois, em viagem de núpcias, a caminho da capital.

Desejamos-lhes as maiores venturas.

—Os nossos lavradores encontram-se satisfeitos, visto o ano ter corrido de feição para a agricultura.

Oxalá que vá até final.

C.

Esgueira, 1

Os trabalhos referentes à reparação da rua que dá acesso ao esteiro já foram iniciados e prosseguem activamente, o que registamos com satisfação.

Lá para fins de Agosto deve ficar a obra concluída, a qual representa um grande melhoramento para a terra.

—Com sua família encontra-se entre nós o amigo José da Silva Maia, residente em Lisboa.

—Também está aqui, de visita aos seus, o sr. dr. Julio Catarino, residente na mesma cidade.

—Vêm aqui jogar *basket*, no domingo, os grupos de Oliveira do Bairro e da Gafanha, que se defrontarão com o nosso *Recreio*.

—Foi colocado em Oliveira de Azemeis, o nosso amigo Manuel Marques da Loura, empregado na Pecuária.

C.

Quintans, 1

A professora sr.ª D. Maria da Encarnação Soares, que aqui ministra o ensino, levou a exame uns tantos alunos que, ao prestarem as respectivas provas, se verificou estarem primorosamente habilitados.

No final apuraram-se os seguintes resultados: Amílcar Nunes Génio, Edmundo dos Santos Ferreira, Leonel dos Santos Santana e Manuel do Nascimento, distintos; e Basílio dos Santos e Humberto Ribeiro, aprovados.

Os nossos parabens à professora e também à petizada.

— Por ter sido aposentado, já se encontra na sua casa desta localidade o professor Adelino Vidal.

— Foi promovido a factor de 2.ª classe e colocado na estação de Casevel (Alentejo), o nosso conterrâneo e amigo Mário Rocha.

—Transitou para o 4.º ano do liceu de Aveiro o filho Alvaro do digno chefe da estação da C. P. desta localidade, sr. Alvaro Santos.

Parabens.

—Faleceu na semana pretérita, com perto de 70 anos, Maria de Jesus Saraiva, que foi sepultada no cemitério da Oliveirinha.

Era casada com Manuel Marques e deixou cinco filhos.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

C.

Necrologia

No bairro piscatório deixou de existir, na madrugada de domingo, o antigo negociante Manuel da Naia Sarrazola, que ao fim da tarde foi a enterrar no cemitério central.

Era casado, tinha quatro filhos e numerosos parentes, sendo a sua morte muito sentida na nossa Beira-Mar, onde era muito considerado.

Contava 82 anos.

* * *

Também ontem se finou, de madrugada, o sr. Lourenço da Paula Dias, gerente da *Fundição Aveirense*, desta cidade, e que, como haviamos noticiado fôra acometido de doença grave.

Como o jornal é paginado às sextas-feiras de manhã para ser impresso durante a tarde e dar entrada no correio até às 21 horas, não podemos adiantar hoje mais, pelo que nos limitamos, por agora, a apresentar à família enlutada os nossos sentidos pêsames.

* * *

Faleceram mais: na *Quinta do Picado*, Maria de Jesus Augusta, viuva, de 84 anos; em *S. Tiago*, Joana dos Santos Baixeira, viuva, de 88, e no *Bonsucesso*, Canceição Ferreira Ramos, de 52, casada com João Gonçalves Bartolomeu, e António Augusto Afonso, casado, de 77.

Câmara Municipal de Aveiro

—o—

Concurso público para o fornecimento do material necessário à electrificação do novo Mercado Municipal

A Câmara Municipal de Aveiro abre concurso público, pelo espaço de 20 dias, a contar da data da 2.ª publicação dêste anúncio no *Diário do Govêrno* e até às 14 horas e 30 minutos do dia em que terminar o referido prazo, para o fornecimento do material necessário à electrificação do Novo Mercado Municipal.

As condições do concurso e caderno de encargos encontram-se patentes, todos os dias úteis, na Secretaria da Câmara Municipal, das 12 às 16 horas, prestando-se na mesma todos os esclarecimentos necessários.

Aveiro e Paços do Concelho, 22 de Julho de 1941.

O Presidente da Câmara,

Lourenço Simões Peixinho

Tribunal do Trabalho de Aveiro

Editos de 20 dias

2.ª publicação

Para os devidos efeitos se faz saber que pelo Tribunal do Trabalho de Aveiro e nos autos de execução em que figuram, como exequente, o Ministério Público e, como executados, António José Tavares da Silva e mulher Ana Rosa Fernandes Ruela, proprietários e lavradores, residentes em Pardelhas, da comarca de Estarreja, correm éditos de 20 dias, a contar da 2.ª e última publicação dêste anúncio, citando os crédores desconhecidos dos executados para, no prazo de 10 dias findo o dos éditos, virem à referida execução, deduzir os seus direitos nos termos dos artigos 864.º e 865.º do Código do Processo Civil.

O Chefe da Secretaria

Manuel Moreira de Castro

Verifiquei a exactidão:

O Juiz do Tribunal do Trabalho,

Fernando Cochofel Teixeira Dias

Arrematação

2.ª publicação

No dia 10 de Agosto próximo, pelas 12 horas e à porta do Tribunal Judicial desta comarca, se hão-de arrematar e entregar a quem maior lanço oferecer sôbre metade do preço por que foram avaliados, os prédios abaixo indicados, arrolados ao insolvente António Marques da Silva e mulher, do lugar de Aradas.

1.º

Uma casa térrea, sita em Aradas, na Rua Direita, construída em terreno pertencente aos herdeiros de Gabriel Marques da Silva, que parte do norte com Alvaro Ferreira da Silva, do sul com João Marques da Costa, do nascente com a mesma Rua Direita e do poente com o referido terreno, e *conjuntamente* uma quarta parte de um prédio que se compõe de uma casa velha e terreno lavradio e pertenças, sito no mesmo lugar de Aradas, que todo parte do norte e poente com Manuel da Cruz Pericão, do sul com João Marques da Costa e do nascente com a Rua Direita, descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 11714. O seu valor global de esc. 14.200$00, e vão à praça por esc. 7.100$00.

2.º

Mais uma quarta do mesmo prédio, que se compõe de uma casa velha e terreno lavradio e pertenças, sito no mesmo lugar de Aradas, que todo parte do norte e poente com Manuel da Cruz Pericão, do sul com João Marques da Costa e do nascente com a Rua Direita, descrito na Conservatório do Registo Predial sob o n.º 11714, com o encargo do usufruto vitalício a favor da mãe do insolvente Maria José Seabra, avaliada em esc. 2.100$00 e que vai à praça por esc. 1.050$00.

3.º

Uma quarta parte de um terreno a ribeiro, sito no mesmo lugar de Aradas, que todo parte do norte, com herdeiros de Miguel da Silva Pereira (o *Vareiro*), do sul com Dr. Inocêncio Fernandes Rangel, do nascente com Joaquim Fernandes Rangel e poente com vala, avaliada em esc. 100$00 e que vai à praça por esc. 50$00.

4.º

Mais uma quarta parte do prédio descrito sob o n.º 3, com o encargo do usufruto vitalício a favor da mãe do insolvente Maria José Seabra, avaliada em esc. 50$00 e que vai à praça por esc. 25$00.

5.º

Uma quarta parte de uma terra lavradia, sita também em Aradas, que tôda parte do norte com João Marques da Costa, do sul com Dr. Inocêncio Fernandes Rangel, nascente com herdeiros de João Francisco Carvalho e do poente com Joaquim Fernandes Rangel, com o encargo do usufruto vitalício a favor da mãe do insolvente Maria José Seabra, avaliada em esc. 50$00 e que vai à praça por esc. 25$00.

Aveiro, 25 de Julho de 1941

O administrador da massa,

Armando Madail